

Hiponímia e meronímia num corpus da Náutica em português europeu

Ana MINEIRO¹, Maria DORIA, Mafalda ANTUNES² e Margarita CORREIA
(ara, mad, mca, mcf)@iltec.pt

ILTEC, AiT / CELEXTe e FLUL

1. Introdução

Esta comunicação apresenta a análise comparativa por amostragem da forma de representação das relações semânticas de hiperonímia/hiponímia e de holonímia/meronímia no corpus textual *TermiNáutica* e num corpus lexicográfico de especialidade constituído por dois dicionários técnicos deste domínio (cf. Esparteiro (2001) e Leitão & Lopes (1990)).

A escolha destas relações semânticas para a análise proposta deve-se ao facto de serem relações importantes na estruturação dos vocabulários de especialidade e não terem sido até hoje alvo de estudos sistemáticos no que respeita à língua portuguesa.

Os objectivos do trabalho são, por um lado, verificar o modo como estes dois tipos de relação semântica, estruturadores do domínio conceptual de qualquer especialidade, surgem representados nos textos autênticos do domínio, e, por outro, verificar a forma como os dicionários especializados dão conta dessas relações. A comparação entre os dados dos dois tipos de fontes permitir-nos-á aferir da fidelidade dos dicionários à estrutura conceptual da Náutica.

Pretendemos, finalmente, comparar o comportamento estruturador de cada uma destas relações semânticas nos dois corpora, destacando as suas semelhanças e diferenças, e verificar o tratamento das unidades retiradas do corpus textual nos dicionários seleccionados, para determinar até que ponto estes reflectem a realidade do discurso de especialidade.

2. Noções prévias

2.1. Os corpora

O *TermiNáutica* é um corpus textual de especialidade do domínio da Náutica em português europeu, que contém cerca de 1,5 milhões de ocorrências, cobrindo todo o século XX. O corpus reparte-se por vários subdomínios: Navegação; Meteorologia; Construção Naval; Direito Marítimo; Política de Pescas e de Águas Territoriais. O tipo de discurso abrangido pelo *TermiNáutica* recobre, sobretudo, o discurso mais especializado, contendo também alguns textos de maior vulgarização.³

Os dicionários observados constituem os dicionários de referência do domínio da Náutica em Portugal:

¹ Ana Mineiro é bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). A sua participação neste Simpósio foi possível graças ao subsídio que para esse fim lhe foi concedido pela FCT.

² Maria Doria e Mafalda Antunes são bolsistas de investigação da FCT, ao abrigo protocolo entre esta Fundação e a Associação de Informação Terminológica (AiT). A sua participação neste congresso foi possível graças ao apoio pecuniário do Instituto Camões à AiT.

³ Cf. Correia e Rebello de Andrade (no prelo), para uma descrição da estrutura do corpus *TermiNáutica*.

- (a) A 2.^a edição, a que usámos, do *Dicionário Ilustrado de Marinha* (doravante DIM) data de 2001 e contém cerca de 9000 entradas. É um dicionário monolíngue, apresentando uma micro-estrutura organizada em entrada e definição. Nalguns casos, apresenta ilustrações. Os compostos sintagmáticos e as combinatórias de um mesmo termo são sempre e indeferenciadamente organizados como entradas autónomas ordenadas alfabeticamente.
- (b) O *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual* (doravante DLM) é um dicionário monolíngue, cuja 3.^a edição (a usada neste trabalho) data de 1990. Contém cerca de 8500 entradas principais, mas muitas unidades sintagmáticas que no DIM constituem entradas são aqui tratadas como subentradas. A micro-estrutura deste dicionário é também mais complexa e rica do que a do anterior: organiza-se em torno da entrada que contém a respectiva definição e muitas das acepções são ilustradas com contextos retirados, sobretudo, de obras de marinha antiga. Os termos de marinha antiga aparecem marcados com a etiqueta «(Ant.)», embora não possamos aferir da sistematicidade de uso desta etiqueta. Também as combinatórias são tratadas de forma diferente neste dicionário: sintagmas lexicalizados são dados como entradas autónomas, enquanto as combinatórias do termo ocorrem sob a respectiva entrada, fazendo-se assim uma distinção terminográfica entre os dois tipos de colocação lexical. Este dicionário contém também algumas ilustrações, embora em menor número do que no DIM.⁴

2.2. As relações de hiponímia e meronímia

Muitos autores que se ocupam de semântica lexical têm-se debruçado sobre as relações de hiponímia e meronímia. Lyons (1977) tratou estas relações de superordenação, considerando, todavia, que a fronteira entre hiponímia – relação de inclusão unilateral – e meronímia – relação de inclusão de uma parte num todo – é, nalguns casos, frágil. Mais tarde, Cruse (1986) desenvolve as ideias de Lyons especificando e classificando as diferenças entre relações de hiperonímia e de relação parte-todo, propondo o termo *meronímia* para este tipo de relação. Winston, Chaffin e Hermann (1987), retomando o trabalho de Cruse, tratam as relações meronímicas a partir da sua distinção em cinco categorias (objecto/elemento; conjunto/membro; massa/porção; objecto/constituente; actividade/fase) e em três propriedades atribuíveis a cada uma destas relações (relação funcional; relação homeomérica e relação de separabilidade). Inspirado nesta proposta, Marc Van Campenhoudt (1996) analisa os critérios estabelecidos e propõe um critério adicional: o critério da simultaneidade.

No contexto deste trabalho consideramos que, embora sendo as relações de hiponímia e meronímia relações de superordenação dos vocabulários e estruturadoras dos mesmos no léxico mental dos falantes, são relações diferentes.

Na linha de Gutiérrez Ordóñez (1981: 221-223), acreditamos que a relação de hiperonímia/hiponímia é equivalente ao conceito de inclusão de um elemento específico pertencente a uma classe nessa mesma classe (ex.: *ferry-boat* é um hipónimo de *embarcação* que, por sua vez, é hipónimo de *barco*). As relações de hiperonímia e de hiponímia são assim duas relações orientadas e inversas. Um hiperónimo pode ter mais do que um hipónimo (co-hipónimos), mas a relação inversa não ocorre, sendo esta relação unidireccional. Os tipos de relação hierárquica gerados podem ser vistos sob o ponto de vista de um eixo vertical (do genérico ao específico), ou de um eixo horizontal (agrupando as unidades num mesmo nível).

⁴ Cf. Correia (no prelo) para uma descrição mais circunstanciada destes dicionários.

As relações de meronímia, que expressam a superordenação através da inclusão de parte ou partes num todo (ex.: *tábuas* é merónimo de *efemérides*), consolidam-se, na nossa perspectiva, através da proposta expressa em Winston, Chaffin & Hermann (1987). A tipologia apresentada por estes autores já foi comprovada por Feliu, Solé & Tebé (2003) para as unidades terminológicas.

2.3. A definição lexicográfica de especialidade e as relações de hiponímia e meronímia

A definição lexicográfica de especialidade, que é basicamente uma definição substancial, pode dividir-se em definição por intensão e definição por extensão, consistindo esta última na enumeração dos itens que compõem uma determinada classe de objectos⁵. A definição intensional, por seu turno, pode ser entendida como o resultado da operação que consiste na determinação de todas as características que identificam a intensão de um conceito (cf. de Bessé 1997: 67). A definição clássica, constituída por *definiendum* (género próximo) e *definiens* (diferença específica) constitui a representação máxima do papel que a relação de hiperonímia/hiponímia desempenha na estruturação dos domínios conceptuais, dado que o *definiendum* é o conceito superordenado expresso pelo hipónimo da unidade lexical que constitui o termo.

A relação de hiponímia é também expressa através da inclusão no dicionário de combinatórias do termo com diferentes graus de lexicalização (dos compostos sintagmáticos às meras co-ocorrências privilegiadas) – cf., por exemplo, as entradas de *navio* em 4.3.1.

Mas alguns conceitos são definidos através de definições baseadas numa relação partitiva, isto é, um conceito é definido como constituindo uma parte de um todo, representando, então, a entrada o merónimo, ficando o respectivo holónimo incluído na própria definição.

3. Metodologia

Tendo em conta os corpora seleccionados (cf. 2.1.) e as noções de hiponímia e meronímia tal como tratadas pela literatura referenciada (cf. 2.2.), na definição da metodologia a seguir neste trabalho, partimos dos seguintes pressupostos:

- a. a hipótese provada em Feliu, Solé e Tebé (2003: 400) de que a tipologia das relações meronímicas proposta pela semântica lexical se aplica na detecção de conceitos e relações conceptuais em textos especializados, utilizando, para isso, os marcadores linguísticos que nos levam, no corpus de especialidade, a encontrar as relações em análise;
- b. a hipótese proposta por nós (a comprovar) de que certos marcadores linguísticos como «tipo de», «classe de», «género de» serão eficazes para detectar as relações de hiponímia nos textos de especialidade, à semelhança do que acontece com outros marcadores nas relações de meronímia.

Definimos, então, uma metodologia tripartida para a realização do trabalho. Num primeiro momento, partindo dos pressupostos acima enunciados e da literatura

⁵ Um exemplo de definição por extensão é o seguinte, retirado de DLM: «**Pontos cardeais** – Os quatro pontos da rosa dos ventos – N (Norte), S (Sul), E (Leste) e O ou W (Oeste).»

consultada, definiram-se os marcadores linguísticos a trabalhar, identificadores das relações semânticas em análise. Em seguida, com um programa de concordâncias, recolheram-se os dados do *TerminÁutica*. Posteriormente, observaram-se os contextos das ocorrências que expressavam essas relações e procurou-se saber se as mesmas estavam representadas do mesmo modo ou de modo diferente no corpus lexicográfico de especialidade, estabelecendo assim a comparação para a análise efectuada.

Foram seleccionados para observação os seguintes marcadores linguísticos:

- (i) Para as relações de hiponímia: «tipo de», «classe de», «género de» «espécie de», «série de». Estes marcadores foram aqueles que, ao analisar o corpus, se mostraram mais produtivos relativamente às relações mencionadas;
- (ii) Para as relações de meronímia e na linha do trabalho que foi levado a cabo por Feliu, Solé & Tebé (2003): «composto (por)», «compõe-se em», «componente (de)», «conjunto (de)», «constituído (por)», «dividido (em)», «divisão (de)», «espécie(s) (de)», «etapa (de)», «fase (de)», «formado (por)», «fracção (de)», «grupo (de)», «integrar (em)», «parte(s) (de)», «peça (de)», «período (de)», «porção (de)», «série», «tipo(s) (de)».

Por razões de impossibilidade de tempo e de âmbito de investigação, e tendo em conta o volume dos dados extraídos do corpus, não foi possível tratar as relações hiponímicas e meronímicas observadas através de todos os marcadores inicialmente seleccionados e cruzar, para análise, essa observação com os dados do corpus lexicográfico de especialidade. Assim, optámos por uma análise por amostragem através dos marcadores mais representativos em termos de frequência no corpus. Escolheram-se, então, o marcador «tipo (de)» para a relação de hiponímia e o marcador «conjunto (de)» para a relação de meronímia. Optámos também por observar a relação meronímica através de um marcador com baixa frequência absoluta, «compõem-se» (7), a fim de podermos testar o próprio corpus *TerminÁutica*, procurando perceber se os contextos revelam ou não a estrutura conceptual através destas relações mesmo através de marcadores com baixa frequência.

4. Análise dos dados

4.1. Marcadores seleccionados e sua frequência absoluta no corpus

Apresentamos a lista dos marcadores linguísticos seleccionados que exibem as relações em análise (cf. Tabela 1 e Tabela 2, onde os marcadores analisados se encontram assinalados a negrito). As frequências das unidades aqui apresentadas são frequências absolutas, não tendo sido calculada para a totalidade dos possíveis marcadores, no âmbito deste trabalho, a percentagem de ocorrência dessas unidades enquanto marcadores efectivos das relações em análise. Assim, as ocorrências destes marcadores são apenas entendidas como candidatas a estabelecerem as relações de hiponímia e meronímia, excepto nos casos estudados (cf. Tabela 3), em relação aos quais é apresentada a percentagem de ocorrência enquanto marcadores de relações semânticas.

Marcador hiponímico	Frequência absoluta
Espécie	94
Espécies	189
Série	293
Séries	21
Tipo	2050
Tipos	711

Tabela 1. Marcadores hiponímicos e respectiva frequência absoluta

Marcador meronímico	Freq. absoluta	Marcador meronímico	Freq. absoluta	Marcador meronímico	Freq. absoluta
compõe-se	30	divididos	12	integrada	34
compõem-se	7	divisão	120	integradas	12
compõem	13	divisões	40	integrado	49
compõe	6	etapa	10	integrados	51
componente	120	etapas	9	integram	20
componente/s	2	fase	218	parte	2666
componentes	300	fases	78	partes	1356
conjunto	574	formado	60	peça	72
conjuntos	46	formados	13	peças	134
constituído	200	fracção	48	período	780
constituídos	285	fracções	16	períodos	148
divide-se	22	grupo	866	porção	27
dividem-se	9	grupos	510	porções	4
dividido	31	integra	9		

Tabela 2. Marcadores meronímicos e respectiva frequência absoluta

Marcador seleccionado	% de ocorrências enquanto marcador⁶
tipo	66,54%
compõem-se	81,81%
conjunto	54%

Tabela 3. Percentagem de ocorrência enquanto marcadores de relações semânticas

4.2. Tendências gerais dos dados observados

A análise comparativa – entre corpus textual de especialidade e corpus lexicográfico de especialidade – das relações de hiperonímia/hiponímia e holonímia/meronímia através dos marcadores seleccionados revelou-se muito produtiva em termos de dados (número e qualidade das ocorrências), sendo assim impossível apresentar todos os exemplos dos marcadores analisados. Foi, no entanto, possível delinear algumas tendências gerais, que passamos a enumerar:

- (a) os marcadores usados permitiram-nos, apenas com a ajuda de um programa de concordâncias, localizar no corpus diversos contextos definicionais, afigurando-

⁶ Esta percentagem foi calculada tendo em conta apenas as ocorrências no âmbito da Náutica das relações semânticas em estudo. Não foram contabilizadas as ocorrências que denotam este tipo de relação noutros âmbitos mas que ocorrem no corpus – exs.: Química; Economia; Biologia; Agricultura.

- se, deste modo, como pistas interessantes para a localização de informação de tipo definicional num corpus de grandes dimensões;
- (b) as estruturas conceptuais do corpus textual e do corpus lexicográfico de especialidade são diferentes e muitas vezes não se correspondem;
 - (c) a definição que nos é dada pelas ocorrências textuais é muitas vezes mais rigorosa e esclarecedora do que a(s) definição(ões) lexicográfica(s) de especialidade;
 - (d) a forma como as relações de hiponímia e meronímia surgem representadas linguisticamente no corpus lexicográfico de especialidade e no corpus textual é diferente. A relação de hiperonímia/hiponímia encontra-se muito mais presente no corpus lexicográfico de especialidade, no qual predominam as definições intensionais com base em *definiendum* e *definiens*. As definições com base em relações partitivas são raras nestes dicionários, sendo a relação de meronímia frequentemente representada através de remissões.

4.3. Casos particulares

Apresentaremos agora a análise mais detalhada da forma como três dos marcadores seleccionados funcionam na representação das relações em análise, a saber:

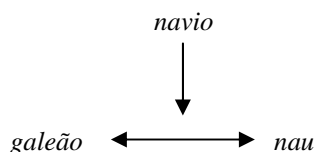
- o marcador «tipo de» para a relação de hiperonímia/hiponímia, com base no termo *galeão*;
- o marcador «compõem-se» para a relação de holonímia/meronímia, com base nos termos *almanaque* e *tábuas*;
- o marcador «conjunto de» para a relação de holonímia/meronímia, com base no termo *salvação*.

4.3.1. Relação de hiperonímia/hiponímia – marcador «tipo de»

A pesquisa no corpus com o marcador «tipo de», teve como resultado, entre outros, o seguinte contexto do corpus:

*“Nos vinte anos que se seguiram à primeira expedição à Índia, a experiência obtida com a guerra e a pirataria no Oriente e com as viagens levaram ao desenvolvimento de um terceiro **tipo** principal de navio, o galeão, construído a partir da nau com o objectivo essencial de funcionar como vaso de guerra.”*

Da análise deste contexto, percebemos que existem alguns tipos de *navio* (designação genérica: hiperónimo), entre os quais se situa o *galeão* (designação específica: hipónimo), construído a partir de um outro tipo de embarcação, a *nau* (co-hipónimo de *galeão*). *Navio*, *galeão* e *nau* são as unidades de conhecimento especializado (UCEs) a partir das quais se estabeleceu a comparação entre os dados do corpus textual e do corpus lexicográfico de especialidade.



Verificámos, nos dicionários de especialidade (DIM e DLM), se esta estrutura conceptual se confirmava ou não, tendo recenseado as definições apresentadas na Tabela 4.

DIM	DLM
<p>Galeão – Navio redondo de quatro mastros (traquete, grande, artimão e contra-artimão) os de vante redondos e os de ré latinos, de formas finas, de fábrica robusta, bem armado, de pouco porão e de boa bolina, criado especialmente para as navegações portuguesas na época de D. Manuel, para protecção da frota mercante. Era navio essencialmente de guerra, menos alteroso que a nau, de menor tonelagem, menor calado, mas de melhores qualidades náuticas, mais bolineiro e melhor artilhado. A tonelagem ia de 100 a 1000 toneladas. Tinha esporão como a caravela e menor altura de obra morta. Popa arredondada e um pouco bojuda. A nau tinha popa chata. Aparece pela primeira vez na Armada que em 1519 partiu para a Índia (...). O galeão foi substituído gradualmente pela nau de guerra, desaparecendo o último próximo do fim do século XVIII.</p>	<p>Galeão – Navio cujas semelhanças com a nau têm ocasionado divergências de opiniões no que respeita às características que podem estabelecer diferenças nítidas entre estes dois tipos de navios. Quanto a nós, o galeão foi criado especialmente para fins de guerra, embora o porão e a 1ª coberta fossem destinados à carga. Para aqueles fins, a bateria principal ficava montada na 2ª coberta, não obstante o navio poder montar uma ou outra peça no convés e, até, nos acastelamentos. (...) Outra diferença estava na mastreação. Como para fins de guerra, muito especialmente convinha que o navio pudesse andar bem, orçar com facilidade e manter-se chegado ao vento, arvoravam os galeões 4 mastros, com pano redondo nos dois de vante, e pano latino, com forma de bastardos, nos de ré, que eram o da mezena e o da contra-mezena. (...)</p>

Tabela 4. *Galeão* em DIM e em DLM

Relativamente ao DIM, podemos concluir que o *galeão* (hipónimo) é um *navio* (hiperónimo) criado especificamente para fins de guerra e que veio substituir a *nau*. Esta “substituição” permite, na estrutura hierárquica de *navio*, retirar o conceito associado a *nau* e substituí-lo por *galeão*. Sendo assim e a acreditar nesta definição, *nau* não é co-hipónimo de *galeão*. Relativamente ao DLM, *nau* e *galeão* (co-hipónimos) são dois tipos de *navio* (hiperónimo) cujas características de semelhança levam, por vezes, à troca de um conceito pelo outro.

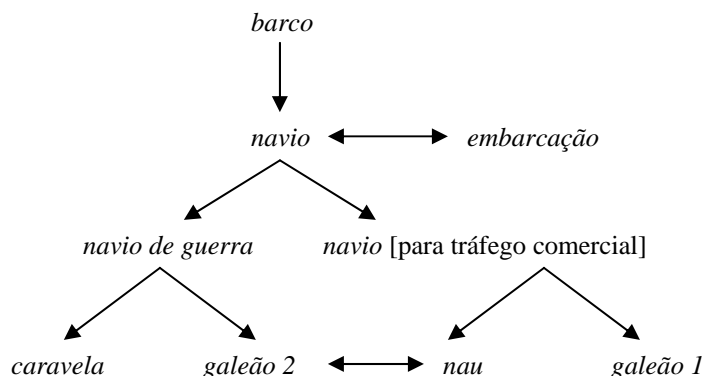
Como o corpus lexicográfico de especialidade não é consensual no estabelecimento destas relações de hiperonímia e de hiponímia relativamente a *galeão* / *nau* / *navio*, fomos procurar contextos do corpus para as ocorrências destas UCEs, a fim de estabelecer com mais segurança as semelhanças e diferenças na forma de conceptualizar a tipologia destes barcos. Seleccionaram-se para análise os contextos abaixo.

«*GALEÃO* Dava-se este nome a um pequeno navio a remos construído na Índia [galeão 1]. Mas a enorme polémica que as características do *galeão* têm suscitado refere-se a uma outra *embarcação*, também com esta denominação [galeão 2], que seria em tudo semelhante à *nau*, apenas com uma diferença, mas esta fundamental: era especialmente construída para a guerra e só utilizada esporadicamente no tráfego comercial. Segundo Henrique Quirino da Fonseca, o *galeão* [galeão 2], **tipo de** arquitectura naval distinto de qualquer outro, teria sido criado no tempo de D. Manuel I, para substituir vantajosamente a *caravela* como *navio de guerra* (tanto nos aspectos náuticos como militares), sobretudo para comboiar as *naus* que demandavam o reino vindas do Oriente. Assim, e em comparação com as *naus*, o *galeão* [galeão 2] era mais baixo, sendo, portanto, mais estável e pior alvo para a artilharia inimiga, tinha menor calado e era menos bojudo e mais longo, o que, aliado ao seu aparelho, o fazia melhor veleiro. Armava pano redondo nos dois mastros de vante e pano latino (...)

«A *Nau* era um navio com capacidade já para uns cem a duzentos tonéis, ou daí para cima. Em questão de dimensões deve ter-se presente que em quase todos os **tipos de** navios havia uns maiores e outros mais pequenos. De um modo geral, os navios iam crescendo em tamanho, à medida que se iam conhecendo melhor as suas capacidades, o seu comportamento, as técnicas postas na sua construção. Também, obviamente, o que diziam deles os capitães, quanto à possibilidade de serem aumentados.»

«A *nau* era o *barco* típico de três mastros, já com algumas décadas de história, com pano redondo nos dois mastros de vante, traquete e grande, e latino no de ré, a mezena.»

A partir dos contextos do corpus, chegámos à seguinte estrutura conceptual:



Nos dicionários fomos procurar informação complementar relativamente a *galeão* nas entradas *barco*, *caravela*, *embarcação* *navio* e *nau* termos relacionados com o termo em análise. Os resultados figuram na Tabela 5.

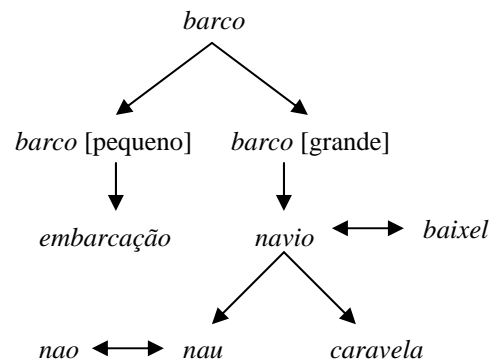
DIM	DLM
<p>Barco – Construção flutuante e estável, alongada e simétrica, estanque e resistente, habitável e móvel, e destinada a percorrer as águas. É termo de ordem geral; ao barco pequeno chama-se embarcação e ao grande, navio.</p> <p>Caravela – Navio de coberta, de casco alteroso à popa e mais raso a vante, de pequeno calado, aparelhado à latina, com velame bastardo nos seus mastros (de um a quatro), usado pelos portugueses nos descobrimentos ao longo da costa africana no século XV e, mais tarde, até meados do século XVIII, em reconhecimentos, comunicações e mesmo em operações com naus e galeões. (...)</p> <p>Embarcação – 1. Barco de pequena tonelagem empregado especialmente no serviço de portos, rios, pequena cabotagem e nas comunicações dos navios com outros ou com terra. Era antigamente o termo geral para designar vasos flutuantes destinados a navegar; hoje o termo geral é barco. 2. Acto ou efeito de embarcar. 3. Barco no qual se embarca (...).</p> <p>Navio – Barco de grandes dimensões destinado à grande cabotagem e às viagens transoceânicas. Quanto ao fim a que se destinam classificam-se os navios em: de «guerra», «comércio» e «recreio»; quanto à propulsão em vela, propulsão mecânica (vapor e motor) e «mistos»; quanto ao material em: «madeira», «metálicos» e «composite»; quanto às águas em que navegam em: «grande cabotagem ou alto bordo», «pequena cabotagem», de portos e rios ou lagos; quanto à propulsão mecânica em: de hélices e de rodas.</p>	<p>Barco – Designação genérica de qualquer embarcação ou navio. (...)</p> <p>Caravela – Navio latino concebido em Portugal no tempo do Infante D. Henrique, especialmente empregado nos descobrimentos ao longo da costa ocidental da África até ao Cabo da Boa Esperança e, certamente, nas explorações da costa oriental até Sofala (...) As caravelas dos Descobrimentos eram navios elegantes, de uma só coberta, tinham acastelamento à popa, e largavam velas bastardas em dois ou três mastros. (...)</p> <p>Embarcação – Nome que serve para designar qualquer barco de pequeno deslocamento, como os barcos existentes a bordo de um navio, os que fazem serviços de transporte nos portos, etc. ~ <i>miúda</i>; ~ <i>de palamenta</i>; ~ <i>de praia</i>; ~ <i>salva-vidas</i>; etc.</p> <p>Navio – Segundo o Pe. Fernando de Oliveira, navio é «<i>tudo aquillo em que se anda ou se leva alguma coisa per cima daugua</i>». [L. F. N. – 167]. Hoje, pelo nome «navio» compreende-se um barco de porte razoável ou grande apto para fazer viagens de cabotagem ou transoceânicas ou, ainda, viagens em rios ou grandes lagos. Os navios podem ser de madeira, de metal ou construção mista. ~ <i>de alto bordo</i>; ~ <i>ardente</i>; ~ <i>assistente</i>; ~ <i>butaneiro</i>; ~ <i>de cabos submarinos</i>; etc.</p> <p>Nau – Termo genérico empregado entre nós até fins do século XV para designar os navios de porte relativamente grande, com acastelamentos à proa e à popa, de pano redondo e que, na sua maioria,</p>

<p>Baixel. ~ <i>amagnético</i>; ~ <i>andador</i>; ~ <i>andejo</i>; ~ <i>anfídromo</i>, etc.</p> <p>Nau – Navio redondo, quanto à forma do casco e quanto ao velame, que começou por ser de um só mastro e de um armamento muito variável. Nos fins do século XVIII e no seguinte era navio de três mastros redondos e armado de 60 a 120 peças, sendo classificado quanto ao número de bocas de fogo em: (...). Nao. ~ <i>cábrea</i>; ~ <i>de carga</i>; ~ <i>comércio</i>; ~ <i>de duas pontes</i>; <i>de linha</i>; etc.</p>	<p>senão todos, arvoravam um só mastro (...). [nau 1] // Termo que na linguagem corrente servia para designar naus ou galeões. [nau 2] // Navio de grande porte com acastelamentos à proa e à popa, que armava três mastros denominados «do traquete», «grande» e «da mezena», nos dois primeiros dos quais, largava pano redondo – normalmente, papafigos e gáveas – e no da mezena, um bastardo. (...) [nau 3] ~ <i>cábrea</i>; ~ <i>capitânea</i>; ~ <i>de linha</i>; ~ <i>mercantil</i>; ~ <i>dos quintos</i>; ~ <i>raza</i>; ~ <i>de trato</i>; ~ <i>de viagem</i>; ~ <i>de torna viagem</i>; ~ <i>de pedra</i>.</p>
---	---

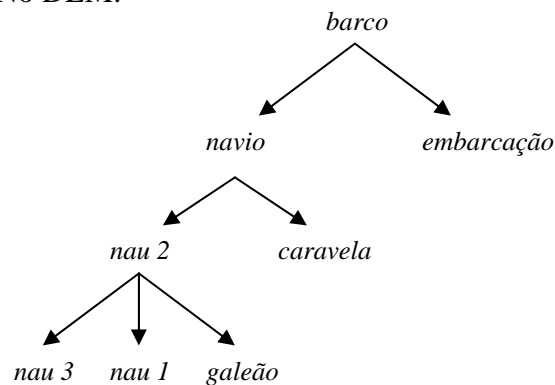
Tabela 5. Informação terminográfica complementar a *galeão*

Partindo da análise dos dicionários, DIM e DLM, nas entradas representadas na Tabela 5, chegámos às estruturas conceptuais abaixo apresentadas.

(a) No DIM:



(b) No DLM:



Os resultados desta comparação levam-nos às seguintes conclusões:

- (i) Os contextos definitórios do corpus reflectem uma estrutura conceptual de tipos de *barco* (genérico) diferente daquelas – por sua vez diferentes – que nos são oferecidas quando da consulta dos dicionários. Tal é verificável nas definições de *barco*, *caravela*, *embarcação*, *navio* e *nau* do DIM. Nas entradas analisadas, *galeão* não se encontra mencionado à excepção da entrada de *caravela*, não aparecendo, no entanto, co-relacionado com os outros conceitos

da área, razão pela qual não está representado na estrutura conceptual correspondente, apesar de, na entrada de *galeão* (cf. Tabela 4), a relação deste com *navio*, *nau* e *caravela* estar bem expressa. O mesmo não acontece no DLM, onde a relação de *galeão* com *navio*, *nau* e *caravela* está bem expressa nas respectivas entradas;

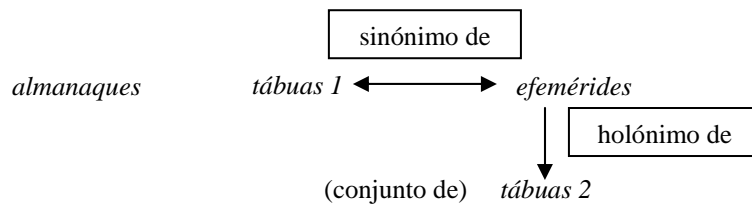
- (ii) A estrutura conceptual oferecida pelo corpus é, por um lado, mais rica (tendo em conta o número de hiperónimos e hipónimos), e mais específica, por outro lado, tendo em conta a distinção entre os dois tipos de *galeão* – conceito que gera alguma polémica na definição lexicográfica – e a própria denominação de *galeão* que substitui um outro tipo de *navio*: a *caravela*;
- (iii) Também o corpus, através de um dos contextos de ocorrência de *nau* nos informa da prototipicidade desse *barco* e de quais os elementos que o caracterizam, informação que se encontra em falta nos dicionários;
- (iv) O corpus lexicográfico de especialidade revela nas duas fontes uma estrutura conceptual diferente, provavelmente porque se baseia no conhecimento de cada lexicógrafo para a sua organização e não na realidade discursiva do domínio;
- (v) Em particular, as definições de *nau* propostas por DLM são contraditórias entre si (*nau 1* e *nau 2*), o que dificulta a compreensão dos conceitos efectivamente associados a esta denominação e a sua relação com outros termos;
- (vi) A descrição dos conceitos quer em DIM, quer em DLM, mais do que definições terminográficas ou mesmo lexicográficas, constituem verdadeiro discurso enciclopédico;
- (vii) Tanto DIM como DLM revelam uma extensa lista de combinatórias de algumas entradas procuradas, o que oferece ao consulente informação importante acerca da tipologia (organização hiperonímica) da entrada em análise. Este facto não se encontra nos contextos, porque a pesquisa no corpus não foi feita por combinações de palavras, mas sim por tipo de relação. Seria interessante poder estabelecer no futuro uma comparação a este nível.
- (viii) A riqueza dos dados do corpus poderia ser útil ao terminógrafo tanto a nível da estruturação da definição, como para estabelecer de uma forma mais realista a estrutura conceptual do domínio. Cruzar os dados de uma forma sistemática, poderá, como ficou demonstrado nestes exemplos, servir para elaborar um produto terminográfico mais rigoroso e fiel ao uso da linguagem desta especialidade.

3.3.2. Relação de holonímia/meronímia – marcador «compõem-se»

Após a observação do marcador «compõem-se» no corpus *TerminÁutica*, foi seleccionado o seguinte contexto, considerado o mais representativo:

“Com o tempo, os *almanaques* vieram a transformar-se; quando deram maior peso à informação verdadeiramente astronómica, cederam o lugar às chamadas «*tábuas*» [tábuas 1] ou «*efemérides*» (estas *compõem-se* afinal de conjuntos de *tábuas* [tábuas 2]) de que são exemplos bem conhecidos as *Tábuas* ditas do rei Pedro de Aragão ou (...).”

As UCEs presentes nos contextos seleccionados para observação da representação das relações de holonímia/meronímia são: *almanaques*; *tábuas* (1); *efemérides*; *tábuas* (2). A sua observação em contexto permite estabelecer a seguinte estruturação conceptual:



As entradas seleccionadas nos dicionários⁷ foram as apresentadas na Tabela 6.

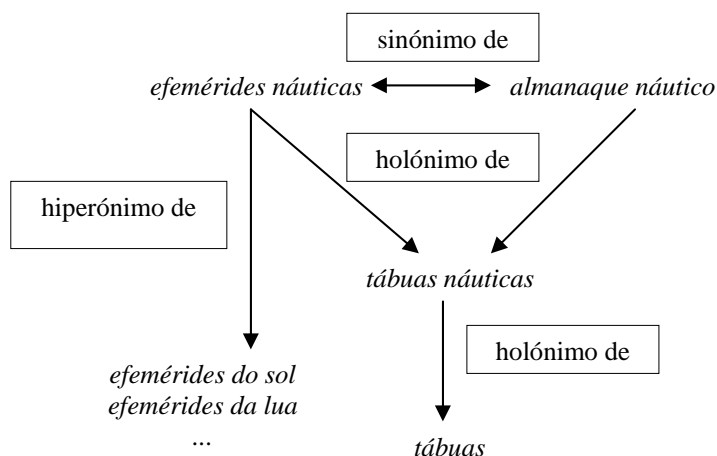
DIM	DLM
<p>Efemérides náuticas – 1. Almanaque náutico; 2 Tábuas dum almanaque náutico referentes a um astro, como efemérides do Sol, da Lua, etc.</p> <p>Tábuas náuticas – Colecção de tábuas, em forma de livro, que contém dados relativos à aritmética, geometria, astronomia e geografia para uso especial do navegador.</p>	<p>Efemérides – Tábuas que fornecem as coordenadas equatoriais dos astros, necessárias aos cálculos astronómicos. (...)</p> <p><i>Efemérides náuticas</i> – Nome que alguns dão ao Almanaque Náutico.</p> <p>Tábuas náuticas – Livro onde se encontram reunidas as mais necessárias tábuas utilizadas para facilitar os cálculos da navegação estimada e astronómica, tais como – «tábua do ponto», «tábua de latitudes crescidas», de «logaritmos de números», (...).</p>

Tabela 6. Entradas seleccionadas do corpus lexicográfico de especialidade

As UCEs presentes nas entradas seleccionadas para a observação da representação da relação holonímia/meronímia são:

- (a) DIM: *efemérides náuticas*; *almanaque náutico*; *tábuas*; *efemérides do Sol*; *efemérides da Lua* (entrada 1) e *tábuas náuticas*; *tábuas* (entrada 2);
- (b) DLM: *efemérides*; *tábuas* (entrada 1); *efemérides náuticas*; *almanaque náutico* (entrada 2) e *tábuas náuticas*; *tábuas* (entrada 3).

É possível estabelecer as seguintes relações entre as UCEs seleccionadas tendo em conta as entradas dos dois dicionários:



⁷ Seleccionou-se também a entrada de *almanaque náutico*, que não se transcreve, dado que não acrescenta qualquer informação à já obtida pela análise de *efemérides (náuticas)*.

Como se pode verificar, os dois dicionários permitem-nos extrair uma estrutura conceptual semelhante, excepto pelo facto de DIM apresentar dois tipos de *efemérides* (*do Sol e da Lua*) e DLM não.

Os sistemas conceptuais formados através da análise do contexto seleccionado e das entradas dos dicionários especializados permitem considerar que:

- (i) O marcador «compõem-se» representa as relações semânticas de holonímia/meronímia;
- (ii) As relações partitivas observadas no corpus e nos dicionários de especialidade são significativamente diferentes;
- (iii) As definições lexicográficas de especialidade encontram-se representadas em ambos os dicionários de modo muito semelhante; logo, o conhecimento que se extrai delas é fundamentalmente o mesmo;
- (iv) É possível observar, no exemplo seleccionado do corpus, que os *almanaques* deram lugar às *tábuas* (ou *tábuas náuticas*) ou *efemérides*; logo, os *almanaques* já não são utilizados. Nos dicionários não é possível obter essa informação, uma vez que é indicado que *efemérides náuticas* e *almanaques náuticos* são sinónimos, o que pode ser entendido como resultante da desactualização dos dicionários face ao corpus no que respeita especificamente a estes conceitos;
- (v) No exemplo do corpus, *efemérides (náuticas)* e *tábuas (náuticas)* são sinónimos, o que não é possível observar nas definições lexicográficas, dado que estas apresentam as *tábuas (náuticas)* como merónimo de *efemérides (náuticas)* e não como seu sinónimo;
- (vi) Nestes exemplos, verifica-se que os dicionários não são totalmente fiéis à estrutura conceptual da Náutica representada no corpus, reflectindo, deste modo, uma realidade distinta do discurso de especialidade.

3.3.3. Relação de holonímia/meronímia – marcador «conjunto de»

Para exemplificar o uso do marcador «conjunto de» no corpus *TerminÁutica*, foi seleccionado o contexto com o termo *salvação*, cuja frequência absoluta no corpus textual é de 127 ocorrências. Atente-se no seguinte contexto, escolhido pela sua representatividade:

Quanto à salvação, esta é definida como “o conjunto de medidas ou operações que têm por fim obstar a um perigo iminente e fatal ou recolher e pôr em segurança pessoas ou coisas depois de efectuado o sinistro”. Trata-se, neste caso, de um acto unilateral pois que a tripulação do navio em perigo está impossibilitada de controlar o seu navio ou até já o abandonou (3).

No corpus lexicográfico de especialidade, o termo *salvação* é descrito através de uma definição morfossemântica (DIM) e uma definição sinonímica (cf. Tabela 7), constituindo, deste modo, exemplos claros do que não deve ser uma definição terminográfica, indo originar, como veremos, imprecisões na estruturação conceptual.

DIM	DLM
Salvação – Acto ou efeito de salvar ou de saudar. Vide âncora de salvação. ⁸	Salvação – O mesmo que salvamento.

Tabela 7. O termo *salvação* no corpus lexicográfico de especialidade

⁸ Por seu turno, nesta entrada remete-se para o termo *âncora de misericórdia*.

Pode-se encontrar nos dois tipos de corpora uma definição do termo *salvação*, embora haja uma diferença marcada entre o discurso do corpus textual e o do corpus lexicográfico de especialidade. Embora ambos sejam considerados de especialidade, a verdade é que o discurso do *Termináutica* é mais preciso e objectivo do que o presente no corpus lexicográfico de especialidade.

Salvamento no *Termináutica* aparece com uma frequência absoluta de 221 ocorrências, das quais se seleccionou uma, a título exemplificativo:

«12. **SALVAMENTO.** Aptidão para organizar exercícios de abandono do navio e conhecimento da forma de manobrar embarcações e jangadas salva-vidas, balsas e dispositivos semelhantes de *salvamento*, juntamente com o respectivo equipamento, incluindo o equipamento de radiocomunicações portátil e as radiobalizas para a localização de sinistros (EPIRBs). Conhecimento de técnicas de sobrevivência no mar.»

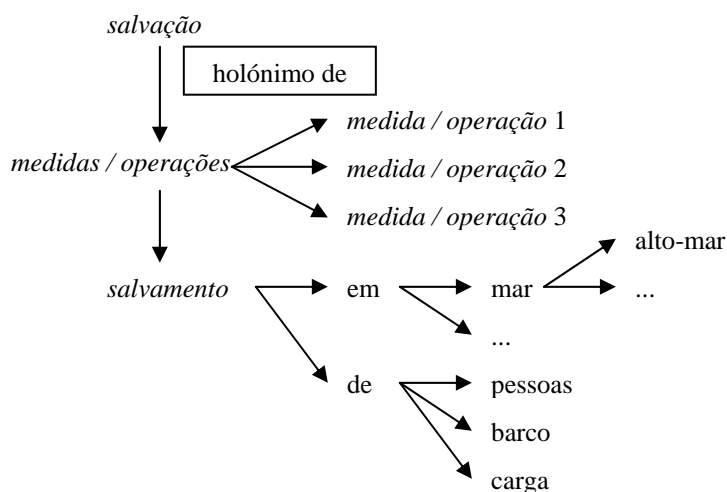
No corpus lexicográfico de especialidade, *salvamento* é definido nos moldes apresentados na Tabela 8.

DIM	DLM
Salvamento – 1. Acto ou efeito de salvar de um perigo. 2. Salvação. 3. Segurança.	Salvamento – O acto ou efeito de salvar alguém que tenha caído à água, ou de salvar navio ou embarcação em perigo, bem como pessoas nele embarcadas, e mercadorias que transporte.

Tabela 8. *Salvamento* no corpus lexicográfico de especialidade

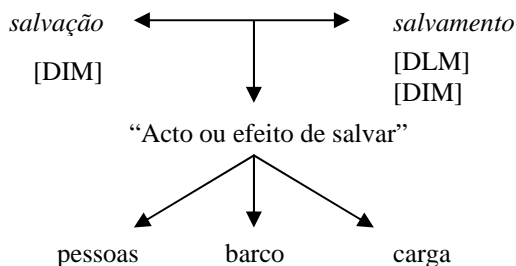
Comparando as definições de *salvação* e *salvamento*, nota-se uma diferença entre os dois corpora. No *Termináutica*, *salvação* é o conjunto de medidas para se fazer um *salvamento*, enquanto que nos dois dicionários, *salvação* é sinónimo de *salvamento*. As estruturas conceptuais expressas são divergentes, como pode verificar-se abaixo.

Em seguida apresentamos a estrutura conceptual que foi possível desenhar com base nos dados recolhidos no *Termináutica*.



No corpus *Termináutica* apenas é dada claramente uma relação de holonímia/meronímia para *salvação*, sendo definida como «um conjunto de medidas». De *salvação* chega-se a *salvamento* através do que ocorre noutros contextos quer de um, quer de outro termo.

Analisados os dados do corpus lexicográfico de especialidade, foi possível chegar à estrutura conceptual abaixo apresentada.



No corpus lexicográfico de especialidade não se encontra presente uma relação de holonímia/meronímia nem uma relação de hiperonímia/hiponímia. Apenas é dada uma relação causativa entre *salvação* e *salvamento*, havendo uma relação de sinonímia entre os dois conceitos.

Importa também destacar o facto de DIM repetir a mesma definição em ambos os termos; pelo contrário, DLM remete de *salvação* para *salvamento*, onde dá a definição. Isto demonstra uma assistematicidade nos dois dicionários.

5. Conclusões

Um corpus textual de especialidade é uma fonte inesgotável de informação com múltiplas aplicações. O presente trabalho constitui mais uma proposta de exploração do *Termináutica*, entre outras que temos vindo a levar a cabo.

Os objectivos principais desta comunicação foram:

- verificar por amostragem o funcionamento de expressões linguísticas específicas para denotar as relações de hiperonímia/hiponímia e holonímia/meronímia, relações cruciais para a estruturação conceptual de qualquer vocabulário especializado;
- comparar os dados relativos à estruturação conceptual por meio destas relações extraídos do corpus textual e do corpus lexicográfico de especialidade.

Tendo atingido estes objectivos básicos, é possível extrair algumas conclusões e delinear alguns percursos de investigação futura.

No que respeita às conclusões gerais do trabalho, importa referir que:

- a frequência relativa dos marcadores em análise («tipo»; «compõem-se» e «conjunto») mostrou que eles constituem bons candidatos à representação das relações de hiponímia e de meronímia em texto;
- nem todos os marcadores inicialmente seleccionados para análise são igualmente produtivos em termos de frequência absoluta no corpus; porém, a frequência de ocorrência não deve ser o único critério a guiar as pesquisas, dado que alguns marcadores com frequências baixas permitiram evidenciar casos interessantes para análise («compõem-se»);
- os marcadores seleccionados para a detecção das relações semânticas em análise permitiram a localização, através de apenas um programa de concordâncias, de diversos contextos definicionais, facilitando a extracção de informação para a execução de trabalho terminográfico;

- as definições propostas pelos dicionários em observação não correspondem àquilo que se espera de um produto terminográfico: trata-se frequentemente de discurso enciclopédico, pouco claro na delimitação de conceitos, recorrendo, frequentemente a tipos de definição lexicográfica e não terminográfica (definições sinonímicas e morfossemânticas);
- a relação de holonímia/meronímia aparece pouco representada no corpus lexicográfico de especialidade e de forma assistemática, verificação imprevisível, se tivermos em conta as características do domínio de especialidade em causa e o facto de essa representação ser muito rica nos dados do corpus textual;
- a expressão das relações de sinonímia foi muito mais evidente no discurso lexicográfico do que nos dados do corpus textual, ao contrário daquilo que seria previsível, dadas as características de um e outro tipo de discurso;
- não existe uma correspondência entre as estruturas conceptuais que podem ser extraídas do corpus e aquelas que são expressas nos dicionários consultados, sendo que, nos casos analisados, o corpus forneceu dados mais detalhados e mais finos; este facto vem corroborar a importância da pesquisa em corpora textuais para a produção de trabalho terminográfico.

Como linhas de investigação a explorar, importa referir as seguintes:

- pesquisa de corpus textual com outros marcadores linguísticos, sobretudo verbais, dada a predominância de marcadores nominais que foram utilizados e dado ter-se verificado que os marcadores verbais são tão ou mais importantes que os nominais;
- pesquisa da expressão da sinonímia no corpus textual, através de marcadores linguísticos que foi possível detectar ao longo do trabalho, tais como «ou», «(o mesmo (que))»;
- pesquisa do corpus textual através de outro tipo de marcadores não-linguísticos, tais como marcadores de enumeração (travessões, parêntesis, dois pontos), embora o ruído produzido convide à construção de ferramentas de análise mais finas do que aquelas de que dispomos actualmente.

6. Bibliografia

- Antunes, M. e Valente, R. (no prelo). A posição conceptual da navegação no sistema conceptual da náutica. In: *Actas da 3ª Conferência Internacional de Terminologia Marítima*. Lisboa, Junho 2003.
- Arnzt, R. & H. Picht 1989. *Introducción a la terminología*. Madrid: Ed. Pirámide, 1995.
- Bessé, B. de 1997. Terminological definitions. In: Wright, S. E. & G. Budin (eds.). *Handbook of Terminology Management*. Vol. 1. Amesterdão / Filadélfia: John Benjamins, pp. 63-74.
- Chaffin, R. & D. Herrman. 1988. The nature of semantic relations: a comparison of two approaches. In: Walton Evens, M. W. (ed.). *Relational models of the lexicon*. Cambridge: CUP, pp. 289-334.
- Correia, M. & A. M. Rebello de Andrade (no prelo). Desenho de um corpus de especialidade: a propósito do projecto *TerminÁutica*. In: *Actas do VIII Simpósio Ibero-americano de Terminologia*. Cartagena de Índias, Outubro de 2002 (disponível em http://www.iltec.pt.pt/celexte/pdf/artigos/desenho_corpus.pdf).

Comunicação apresentada no IX Simpósio Ibero-Americano de Terminologia, RITerm, Barcelona, Novembro-Dezembro de 2004, a ser publicada nas respectivas actas.

- Correia, M. (no prelo). Para uma cooperação entre especialistas do domínio e terminólogos – o caso de dois dicionários náuticos portugueses. *In: Actas da 3.ª Conferência Internacional de Terminologia Marítima*. Lisboa, Junho 2003.
- Cruse, D. A. 1986. *Lexical Semantics*, Cambridge: CUP.
- Cruse, D. A. 2000. *Meaning in Language*. Oxford: OUP.
- Campenhoudt, M. Van.1996. Recherche d'équivalences et structuration des réseaux notionnels: le cas des relations méronymiques. *In: Terminology*, 3(1), pp.53-58.
- Esparteiro, A. M. 2001. *Dicionário Ilustrado de Marinha*. 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Clássica Editora.
- Feliu, J., E. Solé & C. Tebé. 2003. Las relaciones meronímicas en terminología: análisis semántico-textual y aplicaciones. *In: Correia, M. (org.). Terminologia e Indústrias da Língua – Actas do VII Simpósio Ibero-Americano de terminologia*. Lisboa: ILTEC, pp. 389-402.
- Gutiérrez Ordóñez, S. 1981. *Lingüística y semántica*. Oviedo: Universidad de Oviedo.
- Gutiérrez Ordóñez, S. 1989. *Introducción a la semántica funcional*. Madrid: Síntesis.
- ISO / FDIS 704. *Terminology work – principles and methods*. ISO: Geneva.
- Leitão, H. & J. V. Lopes. 1990. *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*. 3ª ed. Lisboa: Edições Culturais da Marinha.
- Lyons, J. 1977. *Semântica I*. Lisboa: Presença / Martins Fontes, 1980.
- Rey, A. 1995. *Essays on Terminology*. Amesterdão / Filadélfia: John Benjamins.
- Tchobánova, I. B. 2003. *Formação dos nomes colectivos em português*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa (inédita).